

**INGLÊS INSTRUMENTAL, INGLÊS PARA NEGÓCIOS E  
INGLÊS INSTRUMENTAL PARA NEGÓCIOS**  
(English for Specific Purposes/ESP, English for General Business  
Purposes and English for Specific Business Purposes)

Orlando VIAN JR. (LAEL, PUC-SP/CNPq)

*“The falcon cannot hear the falconer”.  
Is the ESP ‘falcon’ beginning to fly so far that  
it can no longer hear the call of the ESP ‘falconer’?  
“Things fall apart; the centre cannot hold”. Is ESP  
falling apart, is the ESP ‘centre’ unable to hold?  
Is the ‘ceremony of innocence’ for ESP at an end?  
Are we faced with a ‘second coming’ in ESP, and  
if so, what does this mean for its future?<sup>1</sup>  
Alan Waters, 1994.*

*ABSTRACT: This article aims, from a broader perspective, at (1) discussing some definitions of English for Specific Purposes currently used by theorists and practitioners in the area, focusing on the implications, causes and consequences brought about by these studies, trying then to define, (2) what English for General Business Purposes is as well as its implications for teaching English in-companies and, from a narrower perspective, discuss what English for Specific Business Purposes and its main features in our context at present.*

*KEY WORDS: English for Specific Purposes/ESP; English for General Business Purposes/EGBP; English for Specific Business Purposes/ESBP.*

*PALAVRAS-CHAVE: Inglês instrumental; Inglês para negócios; Inglês instrumental para negócios.*

## 0. Introdução

Os cursos de inglês instrumental tornam-se cada vez mais difundidos no mundo globalizado, principalmente pela sua característica primordial de atender às necessidades específicas do aprendiz, estando relacionado a sua área

<sup>1</sup> Os trechos entre aspas duplas referem-se a estrofes do poema *The Second Coming*, de W. B. Yeats.

de atuação, além de desenvolver a linguagem apropriada ao seu contexto e de acordo com habilidades específicas, como é o caso de profissionais/aprendizes, por um lado, que necessitam de inglês para interação com o mundo dos negócios em seu sentido mais amplo, requerendo o domínio de mais de uma habilidade para o desempenho de diversas tarefas. Por outro lado, existem os profissionais/aprendizes que necessitam desenvolver apenas uma habilidade para um fim específico, como, por exemplo, apresentar dados financeiros a uma equipe estrangeira.

Essas diferentes necessidades levaram, conseqüentemente, ao desenvolvimento de novos materiais que as atendessem, culminando com uma ampliação da questão terminológica: o inglês para negócios (English for General Business Purposes/EGBP), em sentido amplo, objetivando atender necessidades gerais dos aprendizes, principalmente aquelas relacionadas ao dia-a-dia empresarial, ramificou-se em função das necessidades, fazendo surgir o que se convencionou chamar inglês instrumental para negócios (English for Specific Business Purposes/ESBP), cujo objetivo é atender necessidades e habilidades específicas.

A área de ensino de inglês para negócios, dessa forma, desenvolve-se diariamente, tanto do ponto de vista da produção de materiais, quanto do ponto de vista de ensino, pois cada vez mais pessoas procuram tais cursos, além do crescente número de pesquisas preocupadas com questões relativas à linguagem empresarial e ao ensino de inglês no contexto empresarial, mais especificamente.

O termo inglês para negócios, principalmente por questões mercadológicas, tem sido usado, atualmente, para se referir desde a cursos de natureza mais ampla que incluem um componente lexical de termos relativos a negócios, até cursos muito específicos, que instrumentalizam o aprendiz com linguagens específicas para escrever um relatório financeiro, fazer uma apresentação ou conduzir uma reunião de negócios, entre inúmeras outras.

Neste artigo pretendemos, a partir desse cenário, (1) discutir algumas das definições de inglês instrumental mais comumente utilizadas por teóricos e práticos da área, com foco nas implicações, causas e conseqüências trazidas com tais estudos, com o objetivo de (2) se definir, a partir daí, o que é inglês para negócios e seu status no ensino de inglês em empresas e, num contexto mais específico, (3) discutir o que é inglês instrumental para negócios e suas principais características em nosso contexto atualmente.

## 1. Breve histórico do ensino de inglês instrumental

O termo inglês instrumental é parte de um movimento maior na área de ensino de línguas estrangeiras denominado língua para fins específicos (Language for Specific Purposes - LSP), no qual se insere o ensino de qualquer língua estrangeira com foco nas necessidades específicas do aprendiz, objetivando o uso da língua-alvo para desempenho de tarefas comunicativas, sejam elas de produção ou compreensão oral ou escrita naquela língua.

De acordo com Swales (1985), o ano de 1962 marca o início do ensino de inglês instrumental no mundo moderno com a publicação do artigo “Some measureable characteristics of modern scientific prose” de Barber, embora este não seja o ano em que o ensino instrumental realmente começou, pois, de certa forma, e de maneira informal, o ensino instrumental sempre existiu, basta que consideremos, por exemplo, os contatos entre os impérios antigos, como o grego e o romano, por exemplo, onde, sem dúvida, a língua era utilizada para contato com os novos povos conquistados e, por certo, pelo que se tem notícia a respeito do ensino de línguas estrangeiras, não havia um ensino de línguas formal, a língua era aprendida, portanto, com o fim específico de estabelecer relações de dominado/dominante entre as partes, o que já representa, por si, um fim instrumental.

Bloor (1997) fornece subsídios para o reforço dessa hipótese, sinalizando que não foi no século 20 que se ouviu falar em ensino instrumental pela primeira vez citando, por exemplo, um manual de ensino de 1415 destinado a mercadores de lã ou produtos agrícolas, o que seria, dessa forma, um curso em inglês para negócios que incluía diálogos longe de parecerem reais, mas apresentavam uma quantidade significativa de palavras técnicas associadas à indústria de lã.

Outra publicação - também citada por Bloor (1997) - por volta de 1480, na Inglaterra, inclui em sua introdução: “Who with this book shall learn may well enterprise or take in hand merchandise from one land to another”, o que indica a preocupação com as necessidades do negociante que viajava e o inglês que seria utilizado para esse fim.

Em sua história do ensino de inglês, Howatt (1984) assinala os anos 60 como o período em que o ensino instrumental começou a tomar corpo como atividade vital na área de ensino de inglês como segunda língua e/ou como

língua estrangeira, culminando, inclusive, com a publicação dos primeiros livros de inglês instrumental.

Com o advento dessas tendências, inúmeros cursos instrumentais espalharam-se pelo mundo, principalmente a partir de projetos financiados por órgãos como o Conselho Britânico ou outros órgãos ligados aos governos de países de língua inglesa. No Brasil, as necessidades dos alunos do programa de mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP advindos de diversas partes do país, levou a então coordenadora do programa, no final dos anos 70, ao desenvolvimento de um projeto em âmbito nacional, o Projeto Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras, que culminou, mais tarde, na criação do Centro de Pesquisas, Recursos e Informação em Leitura (CEPRIL) a na publicação do periódico *the ESpecialist* (Celani et al., 1978), além da constante pesquisa dos mais diversos aspectos teóricos e práticos relacionados ao assunto, produção de materiais, apoio a professores, congressos e ensino não só de inglês, mas também de francês e português instrumentais.

## 2. Definições de inglês instrumental

Uma das questões centrais que vem à tona ao se falar em ensino de inglês instrumental é a problemática da terminologia, culminando sempre com o questionamento feito não só por professores de inglês para fins gerais não familiarizados com o termo, mas, hoje em dia, por pessoas em empresas responsáveis pela contratação de cursos para seus funcionários: afinal o que é inglês instrumental? Para discutir essa questão, tomaremos por base sete textos da área, os quais apresentam definições ou se propõem a discutir o que é inglês instrumental.

Se considerarmos os anos 60 como o início do ensino instrumental, as definições apresentadas a seguir podem ser consideradas tardias, pois surgiram vinte anos depois do início do movimento, mas elas se baseiam em definições prévias, sem mencionar também o fato de o ensino instrumental ser uma área rica em materiais, mas com pouca pesquisa até os anos 80, quando inúmeros trabalhos de pesquisa começaram a ser desenvolvidos. Estes textos, portanto, serão apresentados aqui em ordem cronológica: Robinson (1980), Kennedy & Bolitho (1984), Hutchinson & Waters (1987), Strevens (1988), Robinson (1991) e Dudley-Evans & St John (1998). No contexto brasileiro, consideraremos as questões colocadas por Holmes (1981a e b).

Em seu trabalho de 1980, no capítulo intitulado “Definitions of ESP”, Robinson apresenta as principais modificações ocorridas na área, principalmente aquelas envolvendo a mudança da significação do termo, que a princípio correspondia a Inglês para Fins Especiais, o que pode dar uma idéia distorcida, do ponto de vista semântico, da palavra especial, levando-se a inferir a idéia de linguagens especiais ou restritas. Para ampliar seu escopo e referir-se a todos os recursos que a língua coloca a nossa disposição, passou-se a usar a palavra específico, focando a atenção nos propósitos do aprendiz.

Inglês instrumental é, então, definido pela autora da seguinte maneira:

“An ESP course is purposeful and is aimed at the successful performance of occupational or educational roles. It is based on a rigorous analysis of students’ needs and should be ‘tailor-made’. (...) It is likely to be of limited duration. Students are more often adults and may be at any level of competence,” (Robinson, 1981: 13)

Kennedy & Bolitho (1984), por sua vez, apresentam os principais desenvolvimentos do ensino de inglês instrumental, focando em dois pontos principais: o primeiro foi o caminho em direção ao foco no aprendiz e o segundo foi a mudança de visão de linguagem, não apenas como um conjunto de regras gramaticais, mas também como um conjunto de funções, derivando-se, a partir desse desenvolvimento, a definição de inglês instrumental apresentada pelos autores:

“ESP has its basis in an investigation of the purposes of the learner and the set of communicative needs arising from those purposes. these needs will then act as a guide to the designs of course materials. The kind of English to be taught and the topics and themes through which will be taught will be based on the interests and requirements of the learner.” (Kennedy & Bolitho, 1984: 3)

A partir da analogia entre o ensino de inglês e uma árvore (cf. The tree of ELT, página 17), Hutchinson & Waters (1987) apresentam inglês instrumental como um dos ramos do ensino de inglês como língua estrangeira (English as a Foreign Language - EFL) e, assim, preferem mostrar o que NÃO é inglês instrumental, mas apontam, ao final de sua discussão a seguinte definição:

“ESP should be seen as an approach not as a product. ESP is not a particular kind of language or methodology, nor does it consist of a particular

type of teaching material. Understood properly, it is an approach to language learning, which is based on learner need.” (Hutchinson & Waters, 1987: 19)

Como se pode depreender a partir da citação acima, o ensino de inglês instrumental deve ser visto como uma abordagem e não como um produto, ou seja, ao definirmos, através de análise de necessidades, para que exatamente o aprendiz necessita do inglês e trabalharmos de acordo com essas necessidades, estaremos seguindo o princípio básico do inglês instrumental; os autores propõem, como base de todo o ensino instrumental, a simples pergunta: “Por que esse aprendiz precisa aprender uma língua estrangeira?” (Hutchinson & Waters, 1987: 19).

Em seu artigo “ESP after twenty years: a re-appraisal”, Strevens (1988) aponta que pretende resumir a natureza, as potencialidades e as limitações do ensino instrumental 20 anos depois de seu aparecimento, afirmando que uma definição de inglês instrumental deve contemplar quatro características absolutas e duas características variáveis, quais sejam (Strevens, 1988: 1-2):

#### 1. Absolute characteristics:

ESP consists of English language teaching which is:

- designed to meet specified needs of the learner
- related in content (i.e., in its themes and topics) to particular disciplines, occupations and activities
- centered on the language appropriate to those activities in syntax, lexis, discourse, semantics, etc., and analysis of this discourse
- in contrast with “General English”.

#### 2. Variable characteristics:

ESP may be, but is not necessarily:

- restricted as to the language skills to be learned (e.g., reading only)
- not taught according to any pre-ordinated methodology

Com a publicação, em 1991, de *ESP Today: a practitioner’s guide*, Robinson objetiva fazer uma revisão dos principais desenvolvimentos na área de ensino de inglês instrumental durante os anos 80, dessa vez, entretanto, ao contrário do que fizera em 1980, e também pelo claro objetivo do livro (cf. What this

book covers, página 5) a autora não dá uma definição de inglês instrumental, apenas aponta que:

“It is impossible to produce a universally applicable definition of ESP. Strevens suggests that ‘a definition of ESP that is both simple and watertight is not easy to produce’ and Hutchinson and Waters prefer to say what ESP is not.” (Robinson, 1991:1)

Mais próximos ao final da década de 90, Dudley-Evans & St John (1998) propõem-se a revisitar três definições: a de Hutchinson & Waters (1987), a de Strevens (1988) e a de Robinson (1991), para, com base nelas, apresentarem a sua própria definição. Os autores admitem a validade de cada uma das definições anteriores, mas também admitem, por outro lado, as suas falhas, tanto em relação à definição como nas características descritas.

Para Dudley-Evans & St John, uma definição de inglês instrumental deve refletir o fato de que a metodologia instrumental difere da metodologia utilizada no ensino de inglês para fins gerais, uma vez que, numa situação envolvendo o ensino instrumental, o professor passa a ser mais um consultor, ao passo que o aluno mantém o seu status de especialista em sua área de atuação. Podemos inferir aqui que, para esses autores, portanto, a diferença reside principalmente na interação aluno-professor, pois o professor, em função do conhecimento técnico do aluno, passará a desempenhar a função de consultor lingüístico. Caberá ao professor, assim, o papel de

“... develop a conscious awareness so that control is gained, whether over language, rhetorical structure or communication skills.” (Dudley-Evans & St John, 1998: 188)

A partir dessas considerações, os autores apresentam a sua definição de inglês instrumental que, assim como a de Strevens (1988), apresenta características absolutas e variáveis (Dudley-Evans & St John, 1998: 4-5):

#### 1. Absolute characteristics:

- ESP is designed to meet specific needs of the learner;
- ESP makes use of the underlying methodology and activities of the disciplines it serves;
- ESP is centered on the language (grammar, lexis, register), skills, discourse and genres appropriate to these activities.

## 2. Variable characteristics:

- ESP may be related to or designed for specific disciplines;
  - ESP may use, in specific teaching situations, a different methodology from that of general English;
  - ESP is likely to be designed for adult learners, either at a tertiary level institution or in a professional work situation. It could, however, be used for learners at secondary school level;
  - ESP is generally designed for intermediate or advanced students.
- Most ESP courses assume basic knowledge of the language system, but it can be used with beginners.

O que se observa, ao compararmos a definição dada pelos autores em relação às demais, é que Dudley-Evans & St John elegem as características propostas por Strevens como as mais abrangentes entre as três anteriores, mas assinalam que pode gerar uma possível confusão, principalmente quanto ao uso da palavra conteúdo apresentada na segunda característica absoluta proposta por Strevens. Para os autores, esse item lexical pode confirmar a falsa impressão de que o ensino de inglês instrumental seja sempre relacionado diretamente a um conteúdo disciplinar específico (Dudley-Evans & St John, 1998: 3).

Verificamos, com base nas diversas definições apresentadas, que, embora com pequenas variações, podem-se definir três traços distintivos para o ensino de inglês instrumental:

- a análise de necessidades
- os objetivos claramente definidos
- o conteúdo específico.

Essas características serão de crucial importância não só em cursos de inglês instrumental como um todo, mas principalmente em cursos de inglês instrumental para negócios, pois os aprendizes no contexto empresarial têm objetivos claramente definidos e os querem atingir em curto prazo, além do fato de que tais objetivos devem contemplar a equação custo/benefício.

Embora todas as definições apresentadas até aqui se refiram a autores estrangeiros, torna-se necessário ressaltar que tais questões também ocuparam lugar de destaque no contexto brasileiro, focando, inclusive, na influência de tais definições em nosso contexto, onde uma das primeiras discussões sobre o que é inglês instrumental no Brasil foi a partir dos textos de Holmes

(1981a e b), nos quais o autor sinaliza que sua proposta “descrevia muito mais as idéias do Projeto Nacional de Inglês Instrumental do que a definição internacional de ‘Inglês Instrumental’ “ (1981b: 28).

Os episódios apresentados por Holmes em seu artigo ilustram as três das questões de maior destaque no âmbito do Projeto Nacional de Inglês Instrumental (cf. Celani et al., 1978) e que foram o ponto de partida para diversos estudos tanto práticos quanto teóricos (cf., por exemplo, os *working papers* do Projeto Nacional publicados pelo CEPRIL). Através da apresentação de tais episódios, Holmes pretende ilustrar três aspectos ao se formular uma metodologia em inglês instrumental: (i) o fracasso do inglês convencional, (ii) o efeito do modismo “inglês instrumental” e (iii) o papel do professor; essas questões, embora apresentadas no início da década de 80 ainda prevalecem em alguns contextos, principalmente no contexto do ensino de inglês para negócios, uma vez que as pessoas envolvidas na contratação de cursos, muitas vezes, não têm uma visão clara do que seja inglês instrumental, além de inúmeras crenças e falsas idéias preconcebidas sobre o assunto.

A questão acerca da terminologia fez surgir, na área, outras tentativas de se ampliar o conceito de inglês instrumental, como é o caso, no âmbito internacional, de Boswood (1994), que propõe um termo mais abrangente: a comunicação para propósitos específicos (CSP - Communication for Specific Purposes), mas o autor antecipa, contudo, que há vários problemas teóricos envolvidos na operacionalização do conceito.

Essa mesma questão também tem precedentes no Brasil, onde, apesar de haver tentativas de se utilizar abreviaturas em português para se referir ao ensino de inglês instrumental, como é o caso de Moita Lopes (1996: 133), em seu artigo sobre a aprendizagem da língua estrangeira na escola pública, que utiliza a abreviatura ELI (Ensino de Língua Instrumental), o termo não é muito difundido ou utilizado na área. Os termos vigentes continuam sendo inglês instrumental e/ou inglês para fins específicos, havendo uma grande utilização, pelos profissionais da área, da abreviatura em inglês, pois muitos preferem dizer que ensinam ESP, talvez pelo fato de não ser claro para muitas pessoas o que seja inglês instrumental, sendo visto ainda, em alguns meios, com um prestígio menor do que o ensino de inglês para fins gerais.

### 3. Tipos de inglês instrumental

Embora muito similares, parece haver duas tendências em se dividir a

área de ensino instrumental, ambas, no entanto, preocupam-se com as necessidades do aprendiz, ou seja, se o aprendiz precisa de inglês para fins acadêmicos ou profissionais.

A primeira tendência preocupa-se em distinguir os tipos de aprendiz (cf. Kennedy & Bolitho e Robinson), usando o termo inglês instrumental como guarda-chuva para abarcar duas áreas: uma para fins acadêmicos (EAP - English for Academic Purposes) e outra para fins ocupacionais (EOP - English for Occupational Purposes). A segunda tendência, por sua vez, preocupa-se em primeiramente distinguir as áreas e, só a partir daí, apresentar os tipos de aprendiz em cada uma (cf. Hutchinson & Waters).

A primeira vertente apresenta uma primeira divisão: ocupacional e vocacional e, dentro dela, apresenta os tipos de aprendiz inseridos em cada uma, se já têm experiência prévia no campo de trabalho ou se não são familiarizados com o assunto.

A segunda, por sua vez, apresenta primeiramente as três grandes áreas - inglês para ciência e tecnologia (EST - English for Sciences and Technology), inglês para negócios e economia (EBE - English for Business and Economics) e inglês para ciências sociais (ESS - English for Social Sciences) - e, somente a partir delas, é que surgem as ramificações ocupacional e acadêmico.

Existe ainda uma terceira tendência, apresentada por Johns (1993), Johns & Dudley-Evans (1991) e Robinson (1991) como sendo a vertente de inglês instrumental nos Estados Unidos, na qual se verifica uma primeira grande divisão em acadêmico, profissional e vocacional. Num segundo nível, a área acadêmica apresenta-se subdividida em duas áreas: uma geral e outra específica para a disciplina; a área profissional subdivide-se em negócios, social e tecnologia; a área vocacional apresenta um nível inicial e outro no qual o aprendiz já tem algum conhecimento.

Como se pode depreender, os tipos de inglês instrumental estão estritamente focados no aprendiz e preocupam-se em definir as áreas, assim como produzir materiais em função de seus objetivos. O termo inglês para negócios, no entanto, parece não se encaixar em nenhuma das áreas (Johnson, 1993), conforme veremos a seguir.

#### 4. Inglês para negócios

O que acontece com a área de inglês para negócios atualmente é o mesmo que aconteceu com o inglês para ciência e tecnologia (EST - English for Sciences and Technology) nos anos 70 e com o inglês para fins acadêmicos (EAP - English for Academic Purposes) nos anos 80 (Dudley-Evans & St John, 1996): as mudanças políticas e econômicas do mundo globalizado aumentam a demanda por material; com as outras duas áreas, entretanto, houve uma grande produção em pesquisa, inversamente proporcional ao inglês para negócios onde houve uma explosão de produção de material didático, mas pouco se desenvolveu em pesquisas.

Esse panorama, contudo, vai aos poucos se alterando, uma vez que o inglês tornou-se a língua internacional dos negócios, principalmente se pensarmos nas informações veiculadas diariamente pela Internet, sem mencionar a grande quantidade de informações trocadas entre falantes não-nativos da língua inglesa que utilizam essa língua como meio de comunicação. Consideremos, por exemplo, os trabalhos de Santos (1996) e de Batista (1998): o primeiro analisa a troca de cartas comerciais entre os escritórios de empresas parceiras na Holanda, na Inglaterra e no Brasil, para as quais a língua utilizada é o inglês; o trabalho de Batista, por sua vez, analisa a troca de e-mails entre uma empresa sueca e suas filiais na Suécia, na Inglaterra, no Brasil e em outros países da América Latina falantes de espanhol; Nickerson (1999) desenvolve uma investigação sobre o uso do inglês na comunicação de um profissional holandês e as razões pelas quais o inglês é utilizado em vez do holandês.

A utilização do inglês como língua internacional no mundo dos negócios pode ainda ser verificada com base em três áreas que têm apresentado um sensível desenvolvimento nos últimos anos: (a) as pesquisas sobre o uso de inglês desenvolvidas em países não-nativos de língua inglesa como o Brasil e a Finlândia e a publicação dos resultados de tais pesquisas; (b) a publicação de livros didáticos para o ensino de inglês para negócios, que admitem o uso, principalmente em seus exercícios de compreensão oral, do inglês internacional; (c) o surgimento de certificados internacionais que comprovam a capacidade de utilização do idioma para uso em situações de negócios, além das (d) novas tendências em pesquisas preocupadas com o estudo da linguagem empresarial, conforme discutiremos a seguir.

(a) O uso do inglês em países não-nativos de língua inglesa

Uma das razões mais freqüentes para a utilização do inglês em países não-nativos de língua inglesa, geralmente mencionada em estudos (cf. Akar & Louhiala-Salminen, 1999) sobre a linguagem empresarial, é o fato de as mudan-

ças tecnológicas terem alterado sensivelmente a comunicação entre as empresas e de o inglês ser a língua utilizada para essa comunicação. Há pouco menos de uma década, a carta era o meio utilizado para a comunicação entre as empresas, ao passo que novas tecnologias foram desenvolvidas, a carta, antes trocada por via postal, passou a ser enviada via fax, para, num momento seguinte, após a grande expansão da World Wide Web e seu uso no mundo dos negócios, o fax foi relegado a um segundo plano, dando lugar ao e-mail, que é hoje o grande meio de comunicação intra e entre as empresas, principalmente pela sua rapidez, para não dizermos imediatez.

O avanço tecnológico, portanto, obrigou as empresas a desenvolver meios cada vez mais rápidos e eficientes para a comunicação, mudando assim as práticas de produção de documentos escritos, que antes eram baseados em livros e manuais com modelos preestabelecidos de cartas, funcionando como uma fonte de frases feitas para as pessoas que necessitassem produzir algum documento escrito.

A necessidade de uso da língua inglesa, com base nessa situação, tornou-se iminente, pois grande parte da comunicação entre empresas localizadas em diferentes países passou a ser em inglês.

O estudo de Barbara et alii (1996), que tem como objetivo principal detectar as necessidades de comunicação de usuários em inglês e português para propósitos empresariais, assim como identificar as variedades de gêneros do discurso mais difundidos nas transações entre empresas, revela que, das empresas que responderam aos 214 questionários utilizados no estudo, 72% delas utilizam o inglês como língua para comunicação internacional.

Os resultados obtidos na Finlândia apresentam um índice ainda maior; segundo o estudo de Louhiala-Salminen (1996), 90% da comunidade empresarial finlandesa utiliza o inglês para comunicação, revelando ainda que a carta tradicional tem se tornado rara, ou quase extinta, além da emergência do que a autora denomina Euro-English, ou seja, o inglês falado entre os europeus que não aprenderam inglês como primeira língua.

Outra consequência revelada por estes estudos, embora não explicitamente, diz respeito ao surgimento do inglês internacional, pois, uma vez que são falantes de uma outra língua estrangeira e utilizam o inglês para comunicação, tendem a imprimir a essa língua características lexicais e sintáticas típicas de sua língua materna, dificultando, por vezes, a compreensão do chamado

inglês internacional por falantes nativos do idioma.

(b) O uso do inglês internacional em livros didáticos

Assim como o mercado globalizado imprimiu um novo status ao inglês, a publicação de livros didáticos voltados ao ensino de inglês para negócios parece acompanhar a mesma tendência: alguns dos livros recentemente publicados assumem a utilização do inglês como língua internacional, outros afirmam acompanhar as novas tendências de mercado, incluindo novas habilidades requeridas no contexto, como o uso de e-mail, por exemplo.

Os autores do livro *Business Venture 1* (Barnard & Cady, 1992), por exemplo, sinalizam em sua introdução:

“The language models provided are standard American English, although a variety of other native and non-native accents (British, Australian, Japanese, French) appear in the listening materials. The emphasis throughout is on presenting English as an international means of communication”.

Como se pode verificar, essa preocupação, a julgar pela data de publicação do material, não é tão recente.

Outros materiais se propõem a acompanhar as tendências do mundo moderno apresentando uma atualização tecnológica. O livro *Powerhouse* (Evans, 1998) traz em sua contra-capá, entre outros itens:

“Business skills for the modern world - such as systematic work on vocabulary and social skills, and developing e-mail writing abilities.”

Há, como se vê, uma preocupação em demonstrar a atualização do material, bem como o interesse em garantir ao aprendiz a sua interação com o mundo através do inglês.

(c) Os certificados de inglês para negócios

Além das tendências anteriormente relacionadas em relação à globalização do inglês e sua utilização como língua internacional, um outro fator que vem adicionar-se aos anteriores é o surgimento de certificados internacionais que conferem ao aprendiz um documento formal de que está apto a utilizar o inglês em situações de negócios.

A Universidade de Cambridge, além dos já conhecidos certificados internacionais como o First Certificate in English e o Certificate of Proficiency in English, lançou recentemente o BEC - Business English Certificate, em três níveis, cobrindo conteúdos lingüísticos de nível básico, intermediário e avançado (BEC 1, BEC 2 e BEC 3, respectivamente). Em folheto explicativo, são explicados os fatores de lançamento desses certificados, que já haviam sido lançados na Ásia em 1993. Em termos de objetivos são assim descritos:

“...They are practical examinations that focus on the application of language in dealing with real-world business situations... (p. 4)”

A Câmara de Comércio Inglesa também oferece o EFB (English for Business), certificados para profissionais em quatro níveis de proficiência, além de oferecer, atualmente, um certificado para professores de inglês para negócios, o FTBE (Foundation Certificate for Teachers of Business English).

A gradação de níveis estabelecida pelo certificado da Câmara do Comércio Inglesa é baseado nos níveis estabelecidos pelo Conselho da Europa, bem como pelos parâmetros ditados pelo governo britânico, o British Government's National Standards for Languages.

O TOEIC (Test of English for International Communication) era oferecido inicialmente apenas para o Japão e, em 1995, passou a ser também oferecido aos países da Ásia, Europa e Américas. Este teste foi desenvolvido pelo Educational Testing Service, órgão sem fins lucrativos localizado em Princeton, Estados Unidos, com o objetivo de mensurar a proficiência em língua inglesa requerida para uso prático no mundo profissional. Algumas empresas utilizam o TOEIC como forma de mensurar a habilidade de seus profissionais em utilizar o inglês para propósitos como contratação, treinamento, para promoção a cargos para os quais o inglês seja requerido ou para assumir cargos no exterior (Dudley-Evans & St John, 1996).

Esses certificados, portanto, vem ocupar um novo nicho surgido com o desenvolvimento do inglês como língua internacional e como ferramenta essencial para a interação no contexto empresarial mundial.

(d) Novas tendências

O cenário de consultores de ensino de línguas para empresas que operam na área empresarial e têm pouco contato com o meio acadêmico (Johns,

1993), parece estar mudando, como se pode perceber, por exemplo, com a grande quantidade de trabalhos preocupados com a linguagem empresarial, como aqueles conduzidos por alunos dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (cf., por exemplo, Garcez, 1991), da PUC-RJ (cf. por exemplo, Bastos, 1996; Gago, 1999), e da PUC-SP (cf., por exemplo, Berber Sardinha, 1994; Machado, 1995; Santos, 1996; Tapia, 1996; Guerra, 1997; Ramos, 1997; Vian Jr., 1997; Abdalla Nunes, 1998; Prado, 1998 e Batista, 1998).

Essa tendência vem suprir uma grande deficiência na área de ensino de inglês instrumental, alegada por autores como Johns & Dudley-Evans (1991), Thompson (1994), St John (1996) e Ellis & Johnson (1994), que é a escassez de estudos empíricos, em contraposição à grande produção de material existente na área.

O fato de haver pouca pesquisa na área será a grande tendência para o século XXI, no universo cada vez mais globalizado: as preocupações com o ensino de inglês no contexto empresarial, as linguagens utilizadas para interação nos meios profissionais e questões envolvendo gêneros do discurso (cf. Collins et al., 1997). A questão que deriva daí, contudo, é novamente uma questão terminológica, conforme veremos a seguir.

Uma outra tendência que aparece como reflexo dos tópicos até aqui expostos é o surgimento, na área da Linguística Aplicada, e conforme sinalizado por Bargiela-Chiappini & Nickerson (1999), de novos campos de pesquisa: o discurso institucional, o discurso profissional e o discurso dos negócios.

O discurso profissional refere-se ao discurso legal, médico, educacional e científico, entre outros, caracterizados por um conjunto de necessidades cognitivas, condições sociais e sua relação com a sociedade como um todo (Gunnarson et alii, 1997: 5). Associado a este, mas num contexto mais restrito está o discurso institucional, que compreende a relação entre um leigo e um especialista, como na relação médico-paciente, ou advogado-cliente, por exemplo. O discurso da área de negócios, finalmente, apresenta muitas características do discurso profissional, principalmente em relação à interdiscursividade, mas apresenta uma distinção marcante, que é o papel dos interactantes, que se encontram, geralmente, num mesmo nível.

O trabalho de Bargiela-Chiappini & Nickerson (1999) traz marcantes contribuições para a área de inglês para negócios, suprimindo, de certa forma, a

escassez em pesquisas mencionada anteriormente, além dos trabalhos de Gunnarson et alii (1997), Bremer et alii (1998) e Mawer (1998), que também apresentam estudos relacionados à área de negócios.

### 5. Inglês instrumental para negócios

Com o avanço tecnológico e a conseqüente diminuição das distâncias, principalmente em função da Internet, o profissional/aprendiz de inglês, tendo aulas nas empresas, passou a ter necessidades cada vez mais específicas, fugindo, por vezes, das necessidades e conteúdos impostos pelo livro didático, tornado-se desnecessário o estudo de áreas muito gerais, fazendo surgir o ensino centrado no que se convencionou chamar “performance skills”, ou seja, habilidades que o profissional já desempenhava na língua materna, tais como atender telefone, participar de reuniões, fazer apresentações, negociações, entre outras e, numa economia globalizada, surgiu como necessidade para interação com falantes nativos e não-nativos de todo o mundo que utilizam o inglês nessas interações.

O profissional/aprendiz, dessa forma, viu-se na iminência de ter que utilizar o idioma para essas situações específicas, havendo assim, acima de tudo, a pressão de tempo. Isso acelerou o aparecimento de cursos voltados para atender essas necessidades, o que levou, conseqüentemente, à produção de material. Essa tendência, portanto, fez surgir uma nova área no ensino de inglês para negócios: o ensino instrumental para negócios ou ensino de inglês para fins específicos de negócios (ESBP - English for Specific Business Purposes).

As características, a princípio, assemelham-se àquelas do inglês para negócios, mas diferem em alguns pontos, como a questão das competências, pois, em alguns casos, a competência sociolingüística torna-se muito mais importante do que a preocupação com a competência gramatical, típica dos cursos de inglês para fins gerais de negócios, que possuem necessariamente um item de conteúdo gramatical.

Outro fator que incita essa tendência é a grande quantidade de estudos publicados ultimamente que colocam como primordial a preocupação com o ensino dos gêneros do discurso (Strevens (1988), Johns e Dudley-Evans (1991), Johns (1993), Tickoo (1994), Dudley-Evans & St. John (1996), Swales (1990), entre outros), tendência que atende mais eficientemente às necessidades do aprendiz que tem que utilizar gêneros específicos de acordo com a situação.

Todas essas tendências trazem um novo status ao ensino de inglês instrumental para negócios, colocando por terra problemas tais como o apontado por Williams (1988), em que havia uma discrepância muito acentuada entre o que se ensina de linguagem na sala de aula e o que realmente ocorre no mundo real e pesquisas na área, como a de Garcez (1993), por exemplo, permite-nos transmitir aos alunos o que realmente ocorre no mundo real, não apenas o conteúdo imaginado pelo autor de livros didáticos.

## 6. Considerações finais

Este trabalho procurou traçar, de maneira sucinta, a trajetória do ensino de inglês instrumental e a questão terminológica. Nosso objetivo foi, com isso, focar no surgimento da área de ensino de inglês instrumental para negócios que, diferentemente de outras áreas, fez surgir necessidades cada vez mais específicas, ampliando o leque teórico na área de ensino de inglês instrumental.

Apresentamos algumas das principais características dessa área de ensino, principalmente aquelas relacionadas às necessidades do aprendiz, bem como as perspectivas futuras de aumento de estudos nessa área que, embora tenha apresentado um grande aumento de pesquisa, ainda requer estudos em áreas específicas, para que possamos levantar, cada vez mais, questões práticas e de aplicação pedagógica para aplicação em contextos específicos, nesse caso, para o ensino no contexto empresarial.

As questões aqui levantadas apresentam, ainda que de maneira tímida, algumas respostas às perguntas colocadas por Waters no texto em epígrafe na introdução deste trabalho, mostrando a ampliação da área de ensino de inglês instrumental - mais especificamente, neste caso, o inglês para fins gerais de negócios, referido neste artigo como inglês para negócios e o inglês para fins específicos de negócios, aqui utilizado como inglês instrumental para negócios -, correspondendo ao “second coming” sugerido por Waters. As respostas, feliz ou infelizmente, serão obtidas na nossa prática diária e surgirão com a evolução natural tanto de nossa prática pedagógica quanto de pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA NUNES, Z. A. (1998) Entrevistas de emprego: o que há de simétrico e assimétrico nas perguntas dessa relação? Tese de

- doutorado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- AKAR, D., L. LOUHIALA-SALMINEN (1999) Towards a new genre: a comparative study of business faxes. In: F. BARGIELA-CHIAPPINI & C. NICKERSON (eds.) *Writing Business: genres, media and discourses*. Essex: Longman.
- BARBARA, L., M. A. A. CELANI, H. COLLINS, M. SCOTT (1996) A survey of communication patterns in the Brazilian business context. *English for Specific Purposes* **15** (1): 57-71.
- BARGIELA-CHIAPPINI, F. & C. NICKERSON (1999) *Writing business: genres, media and discourses*. Essex: Longman.
- BARNARD, R., J. CADY (1992) *Business Venture 1*. Oxford: Oxford University Press.
- BASTOS, L. C. (1996) Power, solidarity and the construction of requestes in service encounters. *The ESPecialist* **17** (2): 151-174.
- BATISTA, M. E. (1998) E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- BERBER SARDINHA, A. P. (1994) Lexical frameworks in Annual Business Reports. *DIRECT Papers. Working Paper 12*. CEPRIL, PUC-SP, AELSU, University of Liverpool.
- BLOOR, M. (1997) The English language and ESP teaching in the 21st century. In: *ESP in Latin America*. F. MEYER, A. BOLIVAR, J. FEBRES, M. B. SERRA (eds.) Universidad de los Andes. CODEPRE.
- BOSWOOD, T. (1994) Communication for Specific Purposes: establishing the communicative event as the focus of attention in ESP. Perspectives. *Working Papers of the Dept. of English*. Volume 6 (1) City Polythecnic of Hong Kong.
- BREMER, K., C. ROBERTS, M-T VASSEUR, M. SIMONOT, P. BOREDER (1998) *Achieving Understanding: Discourse in Intercultural Encounters*. Essex: Longman.
- CELANI, M. A. A.; J. L. HOLMES; R. C. G. M. RAMOS; M. R. SCOTT (1978) *The Brazilian ESP project - an evaluation*. São Paulo, SP: EDUC.
- COLLINS, H.; L. BARBARA; M. A. A. CELANI; M. C. P. SOUZA E SILVA (1997) Ângulos de análise do discurso empresarial. *DIRECT Papers. Working Paper 37*. CEPRIL, PUC-SP, AELSU, University of Liverpool.
- DUDLEY-EVANS & M. J. ST. JOHN (1996) Report on Business English: a

- review of research and published teaching materials. *TOEIC Research Report* number 2. Princeton, Educational testing Service.
- \_\_\_\_\_ (1998) *Developments in English for Specific Purposes - A multi-disciplinary approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ELLIS, M. & C. JOHNSON (1994) *Teaching Business English*. Oxford: Oxford University Press.
- EVANS, D. (1998) *Powerhouse - an intermediate Business English course*. Oxford: Longman.
- GAGO, P. C. (1999) Análise de esquemas e alinhamentos na sentença judicial penal. *Intercâmbio*, volume VIII: 353-360. LAEL/PUC-SP.
- GARCEZ, P. (1991) Conflicting conversational styles in a cross-cultural business negotiation. Dissertação de mestrado inédita. Universidade Federal de Santa Catarina.
- \_\_\_\_\_ (1993) Point-making styles in cross-cultural business communication: a microethnographic study. *English for Specific Purposes* **12**: 103-120.
- GUERRA, V. M. L. (1997) Linguagem empresarial: a questão da polifonia e dos intertextos no discurso da CESP. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- GUNNARSON, B-L, P. LINELL & B. NORDBERG (1997) *The construction of professional discourse*. London: Longman.
- HOLMES, J. (1981a) What do we mean by ESP? Projeto Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras. *Working Paper* 2. São Paulo, SP, PUC-SP.
- \_\_\_\_\_ (1981b) Que queremos dizer com 'inglês instrumental'? In: R. M. SOUSA (org.) *Instrumentalidade no ensino de línguas estrangeiras*. Fortaleza, CE, Prensas Universitárias, Universidade Federal do Ceará.
- HOWATT, A. P. R. (1984) *A history of English Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- HUTCHINSON, T., A. WATERS (1987) *English for Specific Purposes - a learning-centred approach*. Cambridge, Cambridge University Press.
- JOHNS, A. (1993) ESP around the world: a perspective from the United States. *Les Cahiers de l'APLUIT*. Volume XIII 2 (51).
- JOHNS & T. DUDLEY-EVANS (1991) English for Specific Purposes: international in scope, specific in purpose.
- JOHNSON, C. (1993) Business English. *Language Teaching* **26**: 201-209.
- KENNEDY, C. & R. BOLITHO (1984) *English for Specific Purposes*. Basingstoke, Macmillan.

- LOUHALA-SALMINEN, L. (1996) The business communication classroom vs reality: what should we teach today? *English for Specific Purposes* 15 (1): 37-51.
- MACHADO, M. J. (1995) Linguagem empresarial: um estudo da polifonia e da ideologia no discurso de uma grande corporação. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- MAWER, G. (1998) *Language and Literacy in Workplace Education*. Essex: Longman.
- MOITA LOPES, L. P. (1996) A função da aprendizagem de línguas estrangeiras na escola pública. In: *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- NICKERSON, C. (1999) The use of English in electronic mail in a multinational corporation. In: F. BARGIELA-CHIAPPINI & C. NICKERSON (eds.) *Writing Business: genres, media and discourses*. Essex: Longman.
- PRADO DE SOUZA, S. M. (1998) O trabalho traz uma contribuição importante para a área dos estudos da linguagem no contexto das relações de trabalho numa perspectiva intercultural (Brasil e Inglaterra). Tese de doutorado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- RAMOS, R. C. G. (1997) Projeção de imagens através de escolhas lingüísticas: um estudo no contexto empresarial. Tese de doutorado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- ROBINSON, P. (1980) *ESP - English for Specific Purposes*. Pergamon Press.
- \_\_\_\_\_ (1991) *ESP today: a practitioner's guide*. Hertfordshire: Prentice Hall International.
- SANTOS, V. B. M. P. (1996) Padrões interpessoais no gênero de cartas de negociação. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- ST-JOHN, M. J. (1996) Business is booming: business English in the 1990s. *English for Specific Purposes*, volume 15 (1): 3-18.
- STREVEENS, P. (1988) ESP after twenty years: a re-appraisal. In: *ESP: state of the art*. M. L. TICKOO (ed.) Anthology Series 21. SEAMEO Regional Language Center.
- SWALES, J. (1985) *Episodes in ESP*. Oxford: Pergamon Press.
- \_\_\_\_\_ (1990) *Genre analysis - English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TAPIA, M. X. C. (1996) Se eu não soubesse eu não ia saber - representação

- de uma identidade comunitária através de um gênero no discurso médico. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- THOMPSON, S. (1994) Laughter and interpersonal management in a business meeting. In: L. Barbara & M. Scott (eds.) *Reflections on second language learning*. Clevedon, Multilingual Matters.
- TICKOO, M. L. (1994) Approaches to ESP: arguing a paradigm shift. In: R. KHOO (ed.) *LSP: Problems and prospects*. Anthology Series 33. SEAMEO Regional Language Center.
- VIAN JR., O. (1997) Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo, SP, PUC-SP.
- WATERS, A. (1994) ESP - things fall apart? In: R. KHOO (ed.) *LSP: Problems and prospects*. Anthology Series 33. SEAMEO Regional Language Center.
- WILLIAMS, M. (1988) Language taught for meetings and language used in meetings: is there anything in common? *Applied Linguistics* 9: 45-58.